

# 1. P. José Manoel de Sequeira: O primeiro cientista de Mato Grosso

*Elizabeth Madureira Siqueira*<sup>2</sup>

**RESUMO:** Visando contribuir para a comemoração dos 275 anos da criação de Mato Grosso, o presente artigo aborda, primacialmente, a vida e obra do mais antigo cientista de Mato Grosso, o presbítero cuiabano José Manoel de Sequeira, com relevo para as três Memórias escritas por ele no final do século XVIII e no início do XIX, e hoje acessível aos estudiosos brasileiros, a saber a *Memória sobre a descoberta da quina peruviana*, ainda manuscrita; a *Memória do Descobrimento da Mina dos Martírios*; e a *Memória sobre a decadência das capitâncias mineradoras do interior do Brasil*, procurando destacar as principais contribuições científicas do Pe. Sequeira para melhor conhecimento da realidade colonial brasileira.

**Palavras-chave:** Padre José Manoel de Sequeira; Memórias; Cientista; Botânica; Quina peruviana.

|                    |                       |
|--------------------|-----------------------|
| Artigo recebido em | Artigo aprovado em    |
| 2 de junho de 2023 | 2 de setembro de 2023 |

## **PRIEST JOSÉ MANOEL DE SEQUEIRA: THE FIRST SCIENTIST FROM MATO GROSSO**

**ABSTRACT:** Aiming to commemorate the 175th anniversary of the creation of Mato Grosso, this article addresses, primarily, the life and work of the oldest scientist in Mato Grosso, the Cuiabano presbyter José Manoel de Sequeira, with emphasis on the three Memoirs written by him in beginning of the 19th century, and now accessible to Brazilian scholars, namely the Memoir on the discovery of the Peruvian quina, the Memoir of the Discovery of the Martírios Mine and the Memoir on the decline of the mining captaincies in the interior of Brazil, seeking to highlight the main contributions by priest Sequeira to better understand the Brazilian colonial reality.

**Keywords:** Priest José Manoel de Sequeira; Published memoirs; Scientist; Botany; Peruvian quina.

---

2 Doutora em Educação, mestre em História, associada emérita do IHGMT, associada efetiva da Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira 29) e curadora da Casa Barão de Melgaço.

## Introdução

Muito pouco se tratou, na historiografia regional, sobre o Pe. José Manoel de Sequeira. Os *Anais do Senado da Câmara de Cuiabá*, escritos pelo segundo escrivão, tenente Joaquim da Costa Siqueira, apenas mencionou o regresso do Pe. José Manoel de Sequeira em seu retorno da Europa, após estudos superiores. Já nos *Apontamentos Cronológicos da Província de Mato Grosso*, Augusto Leverger, no ano de 1803, mencionou a carta régia de 28 de maio de 1802, autorizando a extração da quina, sem se referir especificamente ao Pe. Sequeira, incumbido pela Coroa portuguesa de desenvolver pesquisa e executar sua extração. Em *Datas Matogrossenses* (1919), Estevão de Mendonça destacou, no dia 15 de julho de 1798, alguns aspectos interessantes e até mesmo inusitados, como seus trabalhos em aquarela do presbítero Sequeira, os quais precisam ser recuperados:

Regressa a Cuiabá – lugar de seu nascimento – o Padre José Manoel de Sequeira, primeiro professor de filosofia nomeado para a capitania de Mato Grosso.

Ordenado no Rio de Janeiro em 1782, conjuntamente com o seu conterrâneo Francisco Xavier dos Guimarães Brito, o padre Sequeira viveu depois alguns anos em Lisboa, de cuja Academia Real de Ciências tornou-se membro efetivo.

Homem de conhecimentos variados, aquarelista distinto, deixou diversos trabalhos históricos de valor, dos quais somente se salvaram duas Memórias, uma sobre a decadência das três capitanias mineiras e outra sobre o descobrimento das Minas dos Martírio.

Espírito investigador, bastante versado em Botânica, descobriu no Distrito dos Guimarães (Chapada) diversas espécies de quina, delas fazendo a respectiva classificação, assim como de outras plantas adaptáveis ao fabrico do papel. (Mendonça, E. *Datas Matogrossenses*, v. 1, p. 35).

Porém, quem mais informações ofereceu sobre o Padre José Manoel de Sequeira foi o primeiro Arcebispo de Cuiabá, D. Francisco de Aquino Corrêa que, no *Elogio ao Padre José Manoel de Sequeira*, Patrono da Cadeira 4 da Academia Mato-Grossense de Letras, da qual D. Aquino foi o primeiro ocupante, produziu um opúsculo bastante substancial em informações sobre

o citado presbítero. O arcebispo iniciou o elogio discorrendo sobre o falecimento do P. Sequeira e o impacto desse evento na vila do Cuiabá. Em seguida, aprofundou sobre o mesmo enquanto Sacerdote, seguido da sua atuação como Estudante, sócio da Real Academia de Ciências e seu reconhecimento enquanto cientista. Em seguida, D. Aquino apontou seu retorno da Europa para Cuiabá e as diversas atividades desenvolvidas na região enquanto cientista, com ênfase ao biólogo e naturalista na invenção ou descoberta da quina, além de se tratar de *Memória* inédita sobre esse produto e que ainda hoje não publicada. O presbítero dedicou o produto de suas investigações à Academia Real de Ciência de Lisboa, o que lhe valeu seu ingresso na mesma instituição. O Elogio escrito por D. Aquino é finalizado elencando todas as produções intelectuais do Pe. José Manoel de Sequeira, seja enquanto professor de Filosofia ou Cientista.

Portanto, consideramos relevante, neste artigo, dar maior visibilidade ao Pe. José Manoel de Sequeira, precursor das investigações botânicas e mineralógicas do Brasil, com relevante contribuição para melhor conhecimento da capitania de Mato Grosso.

## Contexto histórico

Durante a primeira metade do período colonial, o território das Minas do Cuiabá representava a “*raia máxima do sertão do Brasil*”, no dizer do Marquês de Pombal, a capitania mais distante da costa e muito relevante pelo papel de guardião da fronteira. Originada da extração aurífera, quando os bandeirantes paulistas, em 1719, desbravam a fronteira oeste e fundaram as Minas do Cuiabá, porção do território ainda não incorporada oficialmente à coroa lusitana, o que veio a ocorrer somente a partir do Tratado de Madri (1750), indicando para a possibilidade de, mesmo extraoficialmente, incorporar este precioso território aos domínios portugueses.

Para garantir este intento, o então governador da capitania de São Paulo, Rodrigo César de Meneses, resolveu estabelecer residência em Cuiabá, no final do ano de 1726, e, em 1727, no dia 1º de janeiro, criou a Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá que foi, por muitos anos, referência principal e local onde foram desenvolvidas atividades administrativas, educacionais, artesanais, mineralógicas, comerciais, agrícolas e para onde migrou grande quantidade de colonos, tendo também sido sede, mesmo que provisória e de

passagem, dos governantes que rumavam para Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital. Foi na Vila Real do Senhor Bom Jesus instalado, no dia 1º de janeiro de 1727, o Senado da Câmara do Cuiabá, primeira instituição responsável pela administração da Vila e composta por vereadores eleitos entre os chamados “homens bons”, os que gozavam de conceito, por possuir propriedade de terra e de escravos.

De 1719 a 1748, as Minas do Cuiabá pertenceram à capitania de São Paulo, porém, avaliando os riscos de serem perdidos os territórios conquistados, a coroa portuguesa resolveu criar, aos 9 de maio de 1748, a capitania de Mato Grosso, que no ano de 2023 comemorou 275 anos de existência, dando início à trajetória histórica mato-grossense.

Muitos foram os cientistas contratados pela Coroa portuguesa para analisar o Brasil, revelando e descrevendo sua população e as potencialidades econômicas e sua viabilização, o que facilitava a intervenção que o colonizador poderia realizar nos territórios conquistados. Especificamente com relação ao extremo Oeste do Brasil, a figura do Pe. José Manoel de Sequeira se projetou enquanto cientista precursor, seguido de diversos outros, a exemplo dos engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra (português), Pontes e Lacerda (português) e Augusto Leverger (francês). Outro importante naturalista brasileiro (baiano) foi Alexandre Rodrigues Ferreira, graduado na Universidade de Coimbra e que dedicou parte de sua vida a estudar (1783 e 1792) a região Norte do Brasil. Nessa expedição, coletou amostras de inúmeras plantas, madeiras, animais, assim como descreveu rios e acidentes geográficos da região, contribuindo para melhor conhecimento sobre o Brasil, mais especificamente na região Amazônica.

## O primeiro cientista das Minas do Cuiabá

O primeiro cientista de que se tem notícia em Mato Grosso, foi o Padre José Manoel de Sequeira, nascido em Cuiabá, no ano de 1750, filho do paulista capitão Antônio do Prado Siqueira, e provavelmente nasceu no sítio de seu pai, abaixo do morro de São Jerônimo, junto à lagoa do Pires (Costa e Silva, Paulo. Apresentação do *Elogio do Padre José Manoel de Sequeira*, escrito por D. Francisco de Aquino Corrêa. In: IHGMT. Publicações Avulsas, Cuiabá, tomo 99, 1919, p. 2).

Depois de cursar os primeiros estudos em sua terra natal, em princípio da década de 1770, foi para o Rio de Janeiro onde ordenou-se padre, no ano de 1782, pelas mãos de D. José Joaquim Mascarenhas Castello Branco, o primeiro bispo brasileiro. O Pe. Sequeira foi nomeado professor de Filosofia Racional e Moral da Vila Real do Sr. Bom Jesus do Cuiabá, nos primeiros tempos da capitania de Mato Grosso, ocasião em que ministrou aulas para os alunos mais adiantados.

Estudioso e pesquisador, o presbítero Sequeira foi para a Europa, no ano de 1798, ocasião em que atravessou o Atlântico para completar os estudos em Portugal, regressando ao torrão natal, com a fronte coroada pelos lauréis da ciência e da filosofia” (Corrêa, F. de A. *op. cit.*).

D. Francisco de Aquino Corrêa, no elogio feito a José Manoel de Sequeira, Patrono da Cadeira 4 da Academia Mato-Grossense de Letras, ponderou ter sido:

[...] nas cátedras de Lisboa, através das lições de abalizados mestres professores, floriavam então doutrinas dos maiores mestres contemporâneos das ciências naturais: e professava-se ali, entre outras disciplinas, a Mineralogia de Walerio, a Física de Brisson e a de Musshenbroeck, o que immortalizou a sua pátria na célebre garrafa de Leyde. Cito apenas estes, porque eram eles as delícias do Padre Sequeira; sobre todos, porém, encantava-o Carlos Linneu, o insigne botânico sueco, cujo poético sistema, melhor do que a mitologia grega com todas as suas dríades e hamadriades, deu vida às plantas, e as constituiu em verdadeiras famílias, pondo um tálamo de seda e perfumes em cada flor, onde Maeterlinck, mais tarde, iria sondar todo um poema de inteligência e de amores, a revelar o adorável autor de tantas maravilhas” (Corrêa, F. de A. *op. cit.*).

Em Portugal estudou, durante três anos consecutivos, no convento de N. Senhora de Jesus, especializando-se em História Natural/Botânica, ciência que ele dedicaria, com paixão, durante toda a sua vida. Concluído o curso de ciências, o seu professor, Revdo. Frei José da Costa e Azevedo, em requerimento despachado pelo Duque de Lafões, atestava que o seu aluno “aproveitara em todos os três reinos da natureza, porém com maior progresso no estudo da botânica, concorrendo para este fim a facilidade de desenhar plan-

tas, que faz realçar o seu merecimento neste ramo” (In: Corrêa, F. de A. *op. cit.*).

## Escritos do Pe. José Manoel de Sequeira acessíveis no Brasil

Durante o triênio de estudos em Portugal, José Manoel de Sequeira produziu seis memórias, das quais apenas três foram divulgadas. D. Francisco de Aquino Corrêa assim elucidou sobre aquelas ainda inéditas no Brasil:

Consistia a primeira num estudo sobre as virtudes e préstimos da *erva de bicho*, também chamada de *pimenta d'água* (*hydropiper*) e pessegueiro bravo (*persicaria*). Versava a segunda sobre o aproveitamento econômico da nossa bela palmeira, o buriti, que ao tempo do Padre Sequeira, designava-se ainda com o nome científico de *Corypha*, e Martius, ao depois, precisou melhor no de *Mauritia vinifera*, imortalizando-lhe, assim, o doce vinho sertanejo. Na terceira, finalmente, dissertava o P. Sequeira a casca da embira branca (*Daphne gigas*), comunicando ter descoberto o tratamento das suas fibras pelo sal, o que as torna tão consistentes, que poderiam ser empregadas, diz ele, no fabrico de amarras para embarcações. Tomou a Academia em grande apreço as referidas *Memórias*, de tal arte que, em data de 10 de maio de 1796, fazia expedir ao ilustrado autor a carta de sócio, na qual em castiço latim, lê-se este lisonjeiro conceito: ‘A tua erudição, por nós bem conhecida, através do testemunho de muitos e principalmente dos nossos sócios, levou-nos a te convidarmos para tomares parte em nossos trabalhos, certos que do teu saber e indústria, muita utilidade e vantagens advirão às letras e às boas artes’. (Corrêa, F. de A. *op. cit.*)

## Memória sobre a descoberta da quina peruviana

Das *Memórias* que se teve acesso, a primeira e mais antiga, ainda sem publicação, datou de 1800, versando sobre a *Invenção da quina peruviana ou quina cuiabana*. Esta preciosa peça documental está depositada no arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, no acervo do Instituto de Pesquisas D. Aquino, que o IHGMT teve o privilégio de proceder ao arranjo, catalogação e digitalização, sendo os originais devolvidos ao citado arquivo eclesiástico.

A incumbência de investigar a quina se deveu ao ofício do governador de Mato Grosso, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, nos seguintes termos:

Pela Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, tem-me mandado S. Majestade repetidas recomendações, para se descobrir nesta capitania, a árvore da quina do Peru, e terra própria para se fazer o salitre... Pelo que rogo a V. Mcê, muito encarecidamente, queira empregar os seus bons conhecimentos, que tem de História Natural, tanto nesta importante descoberta, como na da Quina, fazendo a um e outro respeito, todas as experiências e investigações que lhe forem possíveis, as quais recomendarei como devo, na Real Presença de S. Majestade, e até me constituirão para com V. Mcê na maior obrigação, recebendo-as eu pelo mais particular obséquio que me possa fazer”. (Corrêa, F. de A. op. cit)

### Desenho da quina de casca alongada



Foto: Biodiversity Heritage Library

No início do ano de 1800, o Padre Sequeira cavalgava, pela primeira vez em missão oficial e científica, as íngremes escarpas da Serra da Chapada, visto ter encontrado grande quantidade de quina. Inspirado nesse episódio, D. Francisco de Aquino Corrêa compôs um *ode* à Chapada:

Serra da Chapada! quem poderia dizer as emoções, com que terá galgado as tuas bocainas históricas e pitorescas, a alma pensadora do sacerdote naturalista!

Serra da Chapada! imponente maciço milenário, que resistindo heroicamente à erosão implacável das águas e dos séculos, ergues-te hoje nos horizontes do Cuiabá, como o eterno monumento azul da sua pré-história silenciosa!

Serra da Chapada! de cujos flancos úberes, saltam as cristalinas fontes do vale cuiabano, o predestinado cenário de tantos dramas inéditos das bandeiras e das minas!

Serra da Chapada! das tuas rechãs floridas, é que também o Coxipó-Mirim, o belo rio dos bandeirantes, espadana do alto os seus cristais, desfeitos em flocos de imenso véu do noivado, virginal do sol, com a terra sempre em flor da nossa Pátria!

Serra da Chapada! seguindo de arrepio essa corrente, foi que os sertanistas, um dia, descobriram-te no céu do oriente, a dominar a amplidão desde cerúleo morro da Canastra, crismado mais tarde, por eles mesmos, com o religioso nome de S. Jerônimo!

Serra da Chapada! da planura deserta, por onde serpeia a teus pés o fértil Aricazinho, os olhos fitos em teu vulto majestoso, é que Pires de Campos sonhava, para além dos teus paredões, a encantada Serra dos Martírios, onde com ele brincara em criança, ia já por tantos anos, o seu legendário colega, o Anhangüera!

Serra da Chapada! Chapada dos Guimarães! no teu doce araxá, nesse miradouro do céu e do infinito, consoante a linda etimologia indígena, tu nos deparas ainda a tapera evocativa da Aldeia Velha, onde pairam as sombras apostólicas dos Padres Estêvão de Castro e Agostinho Lourenço, os jesuítas missionários, tanto mais veneráveis, quanto mais impiedosa foi a rajada pombalina, que lhes varreu a futura redução!

Serra da Chapada! mas eis que em tua história, culmina hoje para nós, a figura inconfundível do presbítero cientista, que passou herborizando por



tu a rica flora, desde as campinas viçosas aos taboleiros duros, onde as canelas-de-ema estrelejam, na expressão agressiva da secura e da esterilidade! Serra da Chapada! e quem sabe quantas vezes, em teus incomparáveis belvederes, por essas noites serenas, em que ao luar do planalto, os teus paredões se transfiguram em adarves colossais de castelos fantásticos com seus torrões e ameias, quem sabe quantas vezes o solitário sócio da Academia Real das Ciências, não terá evocado os estudiosos tempos do ultramar, o aconchego fraternal e honroso dos mestres, e estimulado sempre mais no desvendar as grandezas de Deus nos segredos da natureza, ter-se-á entregue às elucubrações da ciência e da fé, muito mais nobres e santas que as de Eurico, o Presbítero, nas solidões alpestres da Calpe! Serra da Chapada! tu, por onde as quineiras formosas, rebrilhando ao sol as lúcidas frondes, tanto nos falam ainda do Padre Sequeira, que as descobriu e descreveu, tu serás, para sempre, o pedestal da glória do primeiro sábio mato-grossense! (Corrêa, F. de A. *op. cit.*)

O Pe. José Manoel de Sequeira foi um leal representante da coroa portuguesa no Brasil e para ela trabalhou e investigou a flora mato-grossense e diversos recursos naturais brasileiros. Suas memórias descrevem as potencialidades da terra brasílica, sendo seus produtos foram enviados para Lisboa, o que colaborou para as ações exploratórias dos domínios lusitanos.

Em sua Memória da quina, ele assim se expressou sobre as propriedades da planta:

Ninguém hoje duvida do préstimo Medicinal da Quina Peruviana entre todos os Povos civilizados das quatro partes do Mundo, de sorte que os maiores Médicos da Europa consideram a este simples vegetal como o primeiro arrimo da Medicina e em segundo o Mercúrio denegando aos mais remédios estas primazias; depois que os conhecimentos se passarão de opiniões a experimentos; e sendo-se descoberto no Cuyabá esta preciosíssima planta, na qual a humanidade acha socorro, a Real Fazenda aumento, e os colonos interesse, quem não vê quão bem determinado é o cuidar-se na sua cultura, colheita, administração e transportação da Capitania para fora! e sendo-me ordenado que eu escreva, e diga os meus sentimentos sobre este importante negócio, gostoso passo a formalizar um Plano, que dividirei em quatro partes, ajuntando ao mesmo tempo

algumas objeções, e inconvenientes que ocorrerem. (SEQUEIRA, P. José Manoel de. *Memória da Quina*. IPDAC/Pasta 63, Doc. 1639)

Esse presbítero descobriu em Mato Grosso, mais especificamente na Chapada dos Guimarães, dois tipos de quina, a amarela e a vermelha, planta da qual se extraía remédio apropriado para cura da malária, doença então recorrente no Brasil e em outras partes dos territórios lusitanos, especialmente nas zonas de sertão, Contou ele:

Duas são as espécies de Quina descobertas nas montanhas, e serras, que vizinham a esta Villa do Cuyabá: a primeira chamada *Cinchona Officinal* pelos Botânicos, e a segunda chamada *Cinchona lutescens*, por Dom Hippolito Ruiz, na sua *Quinologia*. A primeira se acha pelas penedias, rochedos, e paredões, que chamam vivócas da serra, porém sempre arraigadas às pedras arenosas da familia da pedra, *que* os Francezes chamam *gres*, mas assaz frágeis de cor avermelhada, e nas quais se vê uma frouxa agregação de área. [...] Ambas estas espécies contém muitos frutos, e estes muitíssimas sementes, cujos frutos espontaneamente na força da sua maturação se abrem com estalido arrojando inumeráveis sementes, que volantes se espalham pela circunvizinhança toda promettendo copiosíssima prolifcação, e contudo apenas se vê um ou dois recentes pez contíguos à Quineira mãe. (Sequeira, P. José Manoel de. *Memória da Quina*. IPDAC/Pasta 63, Doc. 1639)

Nos estudos de Rafael Campos, era ela:

Utilizada contra as febres, dentre elas a malária, a quina foi tão importante que acabou por motivar o surgimento da Quinologia, ramo da História Natural dedicado ao estudo da *Cinchona*. Talvez justamente por compor plenamente os interesses do Império português, o conhecimento produzido por Sequeira nunca saiu dos centros de poder imperial e por este motivo nunca foi divulgado, não obstante a quina fosse uma preocupação internacional; fato que reforça o sentido de sigilo dos saberes produzidos à serviço do Império luso (Campos, Rafael. *Ciência e controle imperial no Mato Grosso português*. In: *Memórias*. Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe Colombiano. Ano 11, nº 25, p. 58).



O Inventor, diz ele sempre em terceira pessoa, partiu para as Serras do Queimado, onde examinou a Serra da Paciência e Congonhas, até que na Serra de S. Jerônimo, na vizinhança do riacho do Monjolo, descobriu a primeira árvore da Quina rubra, aliás, *Cinchona Official*, e no mesmo dia descobriu a Quina *lutescens* ou amarela, nos bosques e riachos da Estiva; e se recolheu à vila, apresentando à S.Exa. ramos, toros, cascas, folhas e frutas da Quina descoberta, a cujo exame assistiu S.Exa. com todo o cuidado e satisfação”. (Sequeira, P. J. M. de. In: Corrêa, F. de A, op. cit).

Diversas incursões à Chapada foram suficientes para ele confeccionar uma planta (mapa) indicando os lugares, na região de Cuiabá e Chapada dos Guimarães, onde encontrou exemplares da quina:

### **Planta topográfica da nova descoberta da quina na vila do Cuiabá**

O Pe. José Manoel de Sequeira prestou relevantes e esclarecedoras informações à Coroa portuguesa, indicando a forma de plantio, as modalidades de colheita e os cuidados necessários, possibilidade de comercialização da quina e como a mesma poderia ser vendida no Brasil e na Europa.

A quina foi enviada por diversas vezes para Portugal em caixotes revestidos de folhas de Flandres, um material laminado de ferro e aço e revestido de estanho, muito utilizado, no início do século XIX, para impedir a deterioração dos produtos exportados.

A planta da quina florescia por entre os diversos paredões da Chapada, dificultando o trabalho do Padre Sequeira, que, por diversas vezes, ali se acidentou. Vejamos seu relato sobre os penosos trabalhos:

Não me poupei ao trabalho, ainda sofrendo crônicas enfermidades, não me aterraram os calores do dia, nem os frios da noite, me não atemorizaram os chuviscos de insetos sanguinários, que pelos desertos, de dia e noite, mortificam os viventes, ainda brutos; enfim me não horrorizaram os eminentes penedos e rochedos, pelos quais, sem caminho, umas vezes a pé e outras descalço, eu pude atravessar ...” (Sequeira, P. J. M. de. *Memória da Quina*. IPDAC/Pasta 63, Doc. 1639).

## Memória do Descobrimento da Mina dos Martírios

As Minas dos Martírios foram sempre buscadas pelos colonos, principalmente mineiros, uma vez que era ela revestida de muita lenda que remetia à abundância de ouro e outros metais preciosos. Diversas incursões foram realizadas na procura desta Mina, considerada inesgotável. O Pe. José Manoel de Sequeira escreveu uma segunda Memória intitulada “*Descobrimen-to da Mina dos Martírios*”, datada de 1802, ocasião em que discorreu sobre a lendária jazida aurífera, tão desejada pelos colonizadores e, principalmente, pela Coroa portuguesa. Considerando a vivência do pai e dele próprio, o Pe. Sequeira fez uma recuperação histórica dos investimentos realizados na capitania de São Paulo, Goiás e Mato Grosso:

Muitos anos ha que, por tradição, reinam notícias de três grandes descobertas de ouro nesta capitania: Urucú-macuum, nos limites de Matto Grosso, Jayme e Martírios, nos de Cuiabá.

Pelo descobrimento da primeira mina se interessou o sr. Luiz d’Albuquerque, no ano de 1776, mandando examinar os sertões em que se supunha existiam as minas; contudo, ou por fabulosas, ou por falta de práticas, não se efetuou o seu descobrimento.

Quanto ao da segunda, entraram alguns particulares em Cuiabá, tendo igual sorte, e quanto a última<sup>3</sup>, ainda não consta que de Cuiabá entrasse alguém em procura dos Martírios, sendo que é mais antiga e de maior fama que as duas outras. Na capitania de S. Paulo, empenhou-se nesta descoberta o sr. conde de Sarzedas, na éra de 1723, mandando ao capitão Bartholomeu Bueno da Silva, aliás Anhanguera, aos Martyrios<sup>4</sup>, o qual, no seguinte ano, descobriu as minas dos Goiazess.

Da mesma capitania dos Goiazes intentou o sr. Tristão da Cunha este descobrimento, para o que fez conduzir a Villa Bôa alguns sertanejos e noticiosos dos Martírios; porém, conhecendo que não podiam ficar senão aquem do Rio Grande, *id est*. Araguaia, e por isso pertencendo a Cuiabá, desistiu da empresa. Só desta capitania se não tem feito expedição para o

3 Talvez a única verdadeira.

4 Termo que na língua guarani que dizer *diabo* que foi.

rumo do norte<sup>5</sup>, onde ficam as famigeradas minas dos Martírios, sendo que talvez a Providencia tenha destinado este descobrimento para a época presente, em que tanto se precisa de ouro e em que temos um governo que muito se interessa pelo aumento da Real Fazenda e utilidade de seus súditos. Confiado, pois, em que não serão desprezadas as circunstancias da tradição dos ditos Martírios, passo a narrar o que sei, por ter ouvido de meu pai, o capitão Antonio do Prado Siqueira<sup>6</sup>, os juízos que formo a esse respeito, e, afinal, os meios econômicos com que se poderá fazer tão interessante descoberta.

O capitão Antonio Pires de Campos<sup>7</sup>, íntimo amigo de meu pai e colega do capitão Bartholomeu Bueno da Silva, ao tempo em que por casualidade descobriram ouro nos Martírios, estranhando a temeridade de Bartholomeu, que procurava aquelas minas pelos desconhecidos sertões que medeiam entre S. Paulo e os dos Martírios, quando só deveria entrar por esta vila, então referia o acontecimento da expedição que tinham feito. (Sequeira, P. José Manoel de. *Descobrimto dos Martírios*. In: Anexo *Viagem ao Araguaia*. e IHGMT. *Publicações Avulsas*, n. 40)

Nessa minuciosa descrição, o cronista faz referência aos índios Bororo e Coroá, assim como mencionou diversos achados auríferos na região do Rio Araguaia, corroborando para a ampliação dos conhecimentos sobre os primeiros tempos da fase mineradora. Não deixou de mencionar a atuação dos jesuítas do Pará, visto guardarem o segredo necessário dos seus achados:

Houve na Capitania do Pará uma tradição de que os missionários jesuítas conservavam grandes minas no interior do sertão; e aquele rio de água suja, que João de Azevedo viu desaguar pela parte oriental no dos Arinos, não avigora esta tradição? E a cautela com que os mesmos jesuítas conservavam, nas margens do rio Tapajós, um armazém, que forneciam de víveres todos os meses, sem que jamais se encontrassem os importadores

---

5 Se bem que Pires não conhecesse rumo, contudo afirma que o sol lhe surgia à direita e se punha à esquerda.

6 Sempre mereceu o nome de verdadeiro, tanto em São Paulo, de onde era natural, como em Cuibá, onde viveu 50 e tantos anos; e hoje existem ainda pessoas, quer em Villa Bella. quer nesta villa, que o conheceram.

7 Este foi o pai do coronel Antônio Pires de Campos, que assolou o gentio Caiapó, invasor da capitania dos Goiazes.

com os exportadores, que indicará? É bem de supor que, com semelhante cautela, procuravam os jesuítas conservar em segredo as minas achadas (que não duvido fossem as dos Martírios), e o mais foi que conseguiram. (SEQUEIRA, P. José Manoel de. *Descobrimto dos Martírios*. In: Anexo *Viagem ao Araguaia*; In: IHGMT. *Publicações Avulsas*, n. 40)

Ao final, confirmou a existência das Minas dos Martírios, apesar de todo segredo que as revestia:

Tenho exposto as razões que me obrigam a considerar verdadeiras as Minas dos Martírios, que para mim já não serão fábulas imaginadas, ou patranhas de sertanista; resta sabermos por que meios poderão ser descobertas. Proponho já os meus sentimentos, que a muitos parecerão paradoxos, porque são meus. Sabido que já nos intervalos dos rios Arinos e Araguaia existem estas minas, e que elas estão em um dos rios que despejam no dos Arinos, claro fica que a expedição, digo, a exploração, deverá ser feita descendo pelo mesmo rio Arinos, até a foz do rio Tapajós, de João Viegas, ou de São João, de João de Souza; e, subindo este rio, deverão examinar todos os que da parte oriental nele entrarem, até as suas origens, e, frustrada esta primeira diligência, deverão descer a procurar a outra seguinte barra, e deste modo se fará a indagação por um e outro lado. (Sequeira, P. José Manoel de. *Descobrimto dos Martírios*. In: Anexo *Viagem ao Araguaia*; IHGMT. *Publicações Avulsas*, n. 40, 2010)

## **Memória sobre a decadência das capitânicas mineradoras do interior do Brasil**

A terceira Memória do Pe. José Manoel de Sequeira, datada também de 1802, versou sobre “*A decadência atual das três Capitânicas de Minas e meios de as reparar*”, esta última transcrita em um dos anexos da 2ª edição da obra *Monções*, de autoria Sérgio Buarque de Holanda, e publicada no ano de 1976.

Logo no início do texto, o Pe. José Manoel de Sequeira, cotejando as capitânicas do litoral com as do interior, assim se expressou com relação às últimas:

São contudo estas Capitânicas centrais mais inferiores que as outras. As de minas, que só exportam o ouro, se vêm hoje em dia em grandíssima decadência, porque este tirado uma vez, e removido para beira-mar, nada fica, senão alguns escravos e fazendas que nelas se consomem. [...] donde se tira e se não põem, necessariamente há de faltar? Esta pois é a primeira causa da decadência das Minas e da penúria em que vivem os seus habitantes”. (Sequeira, P. José Manoel de. *Memória da Decadência atual das três capitânicas de Minas e os meios de se reparar*, In: Holanda, S. B. de. Monções. Anexo D, p. 133).

Prosseguindo, se deteve na descrição das Minas da capitania de Mato Grosso, onde pode pessoalmente constatar sua precária situação, ocasião em que descreveu minuciosamente os processos rudimentares de extração aurífera, sendo o mais antigo e ainda utilizado o da escavação, quando os mineiros utilizavam a alavanca, o almocrafe, a bateia e a marreta, rompiam a terra com a força dos braços, processo que chamavam “desmontar”, nos tijucais, tabuleiros e feixes dos morros, de onde cavavam cada vez mais profundamente até chegar ao cascalho, de onde se extraía o ouro. O segundo modo era conhecido como batatal ou grupiara, quando tiravam a terra, fazendo rasgos, onde lavavam os cascalhos formando os chamados caxambus. Estes dois primeiros métodos eram a seco, sendo os seguintes efetivados nas correntezas dos riachos. O terceiro, mais cômodo e mais asseado, era praticado na água, até encontrar a piçarra. O quarto método seguia os filões de quartzo, a que chamavam ouro de pedra ou vieiro de cristal. O quinto método era denominado faisqueiras, quando os mineradores colhiam o ouro sem rumo certo, recolhendo o ouro que encontram. Em Minas Gerais a extração aurífera se aperfeiçoou com equipamento de desmontes, porém em Goiás e Mato Grosso essa prática ainda não existia.

Ao final da Memória, justifica que, apesar dos anos de observação, poderia ter se enganado em alguma coisa, solicitando que a Real Academia o corrigisse.

Assim, todas as Memórias escritas pelo Pe. José Manoel de Sequeira foram orientativas para o encaminhamento da política colonial portuguesa, sendo a Real Academia de Ciências a instância responsável por revisar seus escritos e melhorá-los.



## O retorno a Cuiabá

Ao retornar a Cuiabá, após os estudos em Portugal, o Padre Sequeira se predispôs a ensinar História Natural aos patrícios cuiabanos, porém, em suas próprias palavras:

[...] convidando já um, já muitos dos seus patrícios, sempre se lhe respondeu que se tem vivido muitos anos no Cuiabá sem História Natural, e alguns ainda mais se adiantaram, considerando o Inventor maníaco, quando saía a examinar os produtos da Natureza; ao mesmo tempo que os naturais do Cuiabá são assaz habilitados, porém é tal a sua educação que os faz unicamente inclinados ao reinos animal, id es: cavalos, gados, peixes e mulheres, e nestes exercícios consomem a sua mocidade (Sequeira, P. José Manoel de. *Memória da Quina*. IPDAC/Pasta 63, Doc. 1639).

Com tudo isso, ao se ver assim incompreendido pelos seus, podendo brilhar em outro meio, como acontecera em Portugal, o padre Sequeira persistiu em divulgar seus conhecimentos em sua terra, local onde desenvolveu o ensino de Filosofia e a pesquisa científica na área da Botânica.

## Falecimento

O Padre José Manoel de Sequeira faleceu em sua terra natal, Cuiabá, aos 75 anos de idade. Seu **féretro foi descrito por D. Francisco de Aquino Corrêa:**

Oh grande e extremoso filho da terra cuiabana! Ressurge agora dessa fria tumba, onde mais do que a lousa mortuária, pesaram sobre ti o esquecimento e o silêncio dos teus queridos conterrâneos!

Ressurge nesta hora, aos esplendores da tua glorificação centenária, envolto ainda nessa roupeta do padre mestre, esfarrapada nas agruras do sertão a serviço da ciência e retalhada pela inveja e pelo desprezo de teus contemporâneos!

Ressurge! e atenta nesta geração de patrícios, com que tu sonharas: vê como eles amam o estudo, como cultivam as ciências e as letras, como estremecem estes patrícios céspedes, como transplantaram para eles, um

como rebento mimoso daquela Academia, que fora no além-mar, o enlevo do teu coração de sábio!

Ressurge! e mais uma vez contempla a linda flora da Pátria, onde as *persicarias* e as *daphnes* verdejam ainda pelos bosques, onde as folhas sempre verdes da quina assemelham-se às do loureiro para coroar-te a fronte e onde os buritis esbeltos acenam-te ainda com as meigas palmas, numa infindo gesto de adeuses e saudades!

E já agora pode repousar! Mas lá do empírio, onde te extasias na intuição dessa beleza eterna, que entreviras aqui, por entre os sorrisos da natureza, sê hoje e por diante, o verdadeiro patrono dos intelectuais da nossa terra, tu, que foste entre nós, o patriarca da ciência, o vexilário dos nossos acadêmicos, a primeira flor da intelectualidade mato-grossense” (Corrêa, F. de A. *op. cit. Elogio do Padre José Manoel de Sequeira*. Cuiabá, 2019).

## Considerações Finais

O presente artigo revelou parte das produções do Pe. José Manoel de Sequeira, porém o seu conjunto, em número de seis *Memórias*, revela a importância delas para o conhecimento científico dos séculos XVIII e XIX, devendo os estudiosos investigarem sobre a possibilidade de se transcrever e publicar todas as produções deste valoroso, porém, olvidado presbítero, sejam as ainda inéditas e também aquelas depositadas da Real Academia de Ciências de Lisboa e no acervo do Instituto de Pesquisas D. Aquino Corrêa, reproduzindo as já editadas, contributo indispensável para se relevar, mais amplamente, o perfil desta personalidade e sua produção enquanto o primeiro cuiabano a ingressar na citada Academia portuguesa. Ao todo, o presbítero cuiabano deixou diversas Memórias, sendo quatro delas, ainda inéditas e reveladas por D. Francisco de Aquino Corrêa, em Elogio ao Patrono da Cadeira 4, por ele ocupada na Academia Mato-Grossense de Letras. As outras duas, tratamos ligeiramente neste artigo, sendo duas editadas em anexos de obras, e uma ainda inédita, que estamos nos esforçando por transcrever e fazer-la vir a lume para compor o conjunto das seis Memórias escritas pelo Pe. José Manuel de Sequeira.

## Referências

CAMPOS, Rafael. Ciência e controle imperial no Mato Grosso português. In: *MEMORIAS*. Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe Colombiano. Año 11, N° 25, p. 34-71. Barranquilla, Enero – Abril 2015. ISSN 1794!8886

CORRÊA, Francisco de Aquino. *Elogio do Padre José Manoel de Sequeira*. Cuiabá, 2019. (Coleção Publicações Avulsas, n. 99).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 2. ed. ilustrada. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, (Coleção Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais, Série 1ª, v. 8).

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO. *Roteiros vários às Minas dos Martírios*. Cuiabá: IHGMT, 2002 (Coleção Publicações Avulsas, n. 40).

LEVERGER, Augusto. *Apontamentos cronológicos da província de Mato Grosso*, 2001. (Coleção Publicações Avulsas, n. 19).

MAGALHÃES, General Couto de. *Viagem ao Araguaia*. 4. Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1938. (Coleção Brasileira, Série 5ª, v. 28, Biblioteca Pedagógica Brasileira).

SEQUEIRA, P. José Manoel de. *Memória da Quina*. Acervo do Instituto de Pesquisa D. Aquino Corrêa - IPDAC/Pasta 63, Doc. 1639.

SEQUEIRA, Pe. José Manoel de. *Memória a respeito do descobrimento dos Martyrios*. In: MAGALHÃES, General Couto de. *Viagem ao Araguaia*. 4. Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1938. (Coleção Brasileira, Série 5ª, v. 28, Biblioteca Pedagógica Brasileira), p. 263-281.

SEQUEIRA, Pe. José Manoel de. *Memória que José Manoel de Sequeira, presbítero secular, professor real da Filosofia Racional e moral da Vila do Cuyabá, Acadêmico da Real Academia das Ciências de Lisboa enviou à mesma Academia sobre a decadência atual das três capitanias de minas e os meios de as reparar, no ano de 1802*. In: HOLANDA. Sérgio Buarque de. *Monções*. Anexo D, p. 133-142.